

**XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes**  
19 e 20 de outubro de 2016



## **CADERNO DE HANDOUTS**

# **XII WORKSHOP PRODUÇÃO ESCRITA E PSICANÁLISE:**

**Leituras errantes**

**19 e 20 de outubro de 2016**

## APRESENTAÇÃO

Como assim? O que você entendeu? [...] as palavras, em si, são vazias? Vazias, meus caros. E vocês as preenchem com o seu sentido, ao dizê-las a mim; e eu, ao recebê-las, inevitavelmente as preencho com o meu sentido. Pensamos que nos entendemos, mas não nos entendemos de modo nenhum (Luigi Pirandello, 2015, p. 45)<sup>1</sup>

O *XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes* discute os movimentos que o sujeito faz ao ler. Analisa as causas do estranhamento gerado por leituras inesperadas. Postula que elas são reflexo da ação de um leitor que vacila ao respeitar o movimento feito por quem escreveu. Tomando as instituições educacionais como lugar de produção do conhecimento, interroga as diferenças entre o equívoco constitutivo da linguagem e os entraves de compreensão e de apresentação de uma elaboração intelectual.

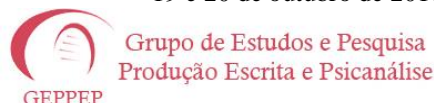
Para debater as leituras errantes, privilegia quatro instâncias: 1) A linguagem, referente ao levantamento de aspectos textuais que podem estar na origem de leituras diferenciadas, como, por exemplo, frases muito longas, construções ambíguas etc.; 2) O pensamento, instância voltada aos desafios intelectuais; 3) A autoria, aqui considerada como um tipo de leitura desviante, que pode resultar em algo novo; e 4) O lugar material, relacionado ao modo de incluir especificidades locais na escrita, na leitura e na análise de textos.

Discutir os contornos do que se pode afirmar ou não a partir de um texto lido ganha caráter emergencial em tempos em que vimos crescer a intolerância, a pressa e o descaso com relação às leituras que fazemos. Contamos com você para trabalhar essas questões.

---

<sup>1</sup> PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 224p.

**XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes**  
19 e 20 de outubro de 2016



**PROGRAMAÇÃO**

	<b>Quarta-feira, 19 de outubro</b>	<b>Quinta-feira, 20 de outubro</b>	
<b>8h00</b>	Abertura oficial	Oficinas simultâneas	
	Claudia Riolfi e Valdir Heitor Barzotto	A LEITURA DO TEXTO ACADÊMICO: Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro Ernesto Sérgio Bertoldo	O TRABALHO COM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Mical de Melo Marcelino Sulemi Fabiano Campos e Thomas Massao Fairchild
<b>10h00</b>	<b>Lugares habitados por textos e leitores</b> Valdir Heitor Barzotto – USP Augusto Ângelo Nascimento Araújo – USP e IFMA Enio Sugiyama Junior – USP e UFOB	<b>Combinados e descombinados ao escrever</b> Ercilene Maria da Souza Vita – USP e FLPasteur Renata de Oliveira Costa – USP Maristela Silva de Freitas – USP	
	Debatedores: Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro – UFMA Sabrina Leonzi – USP	Debatedores: Mical de Melo Marcelino – UFU Ana Paula Bezerra Severiano – USP	
<b>12h30</b>	<b>Atividade cultural</b> <i>Conjunto Los Duos Latinoamérica</i>	<b>Almoço</b>	
<b>14h00</b>	<b>Culturas deslocadas e seus efeitos</b> Milan Puh – USP Jobi Espasiani – USP Nereida Dourado – USP e IFMA	<b>Obediências e desobediências aos textos</b> Carlos Henrique Rizzo Pereira – USP Carolina de Jesus Pereira – USP Sandro Luis da Silva – USP e UNIFESP	
	Debatedores: Sandro Luis da Silva – USP e UNIFESP Cindy Evellyn de Araujo Silva – USP	Debatedores: Sulemi Fabiano Campos – UFRN Mariana de Lima Feitosa – USP	
<b>16h00</b>	<b>Subversões do escrito</b> Ana Carolina Barros Silva – USP Ana Silvia de Moraes – USP	<b>Errância do sentido em versões de texto</b> Claudia Rosa Riolfi – USP Emari Andrade – USP Suelen Gregatti da Igreja – USP	
	Debatedores: Ernesto Sérgio Bertoldo – UFU Heron Omar Arraya Cazón – USP	Debatedores: Thomas Massao Fairchild – UFPA Raissa Malinda Rocha Mota – UFMA	

**Quarta-feira, 19 de outubro, 10h00**

## **LUGARES HABITADOS POR TEXTOS E LEITORES**

Valdir Heitor Barzotto – USP  
Augusto Ângelo Nascimento Araújo – USP e IFMA  
Enio Sugiyama Junior – USP e UFOB

**Debatedores:**  
Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro – UFMA  
Sabrina Leonzi – USP

## TRÁFICO DE LEITURAS

Augusto Ângelo Nascimento Araújo  
augustoangelo@ifma.edu.br

**Questão de pesquisa:** Quando um texto é transportado que movimentos de leitura acontecem como efeitos dessa travessia?

**Objetivo:** Analisar os movimentos de leitura que são feitos quando um texto é transportado.

**Hipótese de trabalho:** O transporte de um texto tende a limitar os domínios da leitura às especificidades do suporte que o recebe. Perde-se de vista a diacronia do texto e a constituição do sentido no *entre* suportes.

**Material de análise:** postagem de uma página do facebook; site provedor de notícias; entrevista gravada.

### Considerações finais

Ao analisar o estranhamento de uma leitura merece atenção a instância onde o texto foi produzido: o lugar material que o veicula. É pela tensão suporte, texto, discurso (BARZOTTO, 1998) que é possível identificar o tráfico de leituras como um dos principais movimentos que acontecem quando um texto é transportado. Esse tráfico encontra razão no seguinte obstáculo epistemológico (BACHELARD, 1996): a experiência primeira, aqui também chamada de *a leitura do próprio nariz*.

### Referências bibliográficas

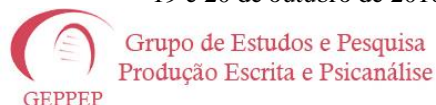
BACHELARD, Gaston.. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro : Contraponto, 1996.

PIRANDELLO, Luigi. Um, nenhum e cem mil. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2015.



## XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes

19 e 20 de outubro de 2016



1	Obrigada Santidade. Nos últimos dias, o Cardeal alemão Marx,
2	falando durante uma grande conferência muito importante em
3	Dublin, sobre a Igreja no mundo moderno, disse a Igreja Católica
4	deve pedir desculpas à comunidade gay por ter marginalizado essas
5	peessoas Nos dias seguintes ao massacre de Orlando, muitos disseram
6	que a Comunidade cristã tem algo a ver com este ódio contra essas
7	peessoas: o que o senhor acha disso?
8	Vou repetir o mesmo que eu disse na primeira viagem e repito
9	também o que diz o Catecismo da Igreja Católica: que não devem
10	ser discriminados, que devem ser respeitados, acompanhados
11	Pastoralmente. Se podem condenar, não por razões ideológicas,
12	mas por motivos – digamos – de comportamento político, certas
13	manifestações um pouco muito ofensivas para os outros.
14	Mas essas coisas não têm nada a ver com o problema: se o problema

15	for uma pessoa que tem essa condição, que tem boa vontade e que
16	busca Deus , quem somos nós para julgá-la? Devemos acompanhar
17	bem , de acordo com o que diz o Catecismo. O Catecismo é claro !
18	Depois, há tradições em alguns países, em algumas culturas que têm
19	uma mentalidade diferente sobre este problema. Eu creio que a
20	Igreja não só deve pedir desculpas – como disse aquele cardeal
21	"marxista" ... [risos] – a essa pessoa que é gay, que ofendeu, mas
22	também deve pedir desculpas aos pobres , às mulheres e às crianças
23	exploradas no trabalho; deve pedir desculpas por ter abençoado
24	tantas armas. A Igreja deve pedir desculpas por não ter se
25	comportado tantas e tantas vezes – e quando digo "Igreja" entendo
27	os cristãos ; a Igreja é santa, os pecadores somos nós! [...] A cultura
28	mudou e graças a Deus, como cristãos, devemos pedir tantas
29	desculpas, não só sobre isso: o perdão e não apenas desculpas! [...]

## SUORTE E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO EM TEXTO ACADÊMICOS

Enio SUGIYAMA JUNIOR

enio.sugiyama@ufob.edu.br

**Questão de pesquisa:** Quais os efeitos para a produção de conhecimento de realizar apropriações por meio de comentadores?

**Objetivo:** Descrever os movimentos de leitura que sustentam apropriações de conceitos feitas por meio de comentadores em textos acadêmicos

**Hipótese de trabalho:** As formas de *apropriação* (1990) e circulação do conhecimento atuam conjuntamente na sustentação de textos acadêmicos em que os movimentos de leitura não são suficientes para instaurar a produção de novos dizeres.

**Material de análise:** Uma dissertação defendida em 2008 em um programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e um manual de linguística utilizado pela autora da dissertação.

**Considerações finais:** Os suportes e as formas de apropriação encontradas na dissertação são elementos importantes no apagamento das diferenças entre o conhecimento produzido por um autor e o posto em circulação por um comentador. Ao apagar esta diferença, o trabalho acaba funcionando como sustentação de um modo de circulação do conhecimento sem espaço para a produção.

### Referências bibliográficas

BARZOTTO, V. H. Prefácio In: Barzotto, V. H (org). **Estado de Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

CHARTIER, R. **História Cultural**. Porto: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos Livros**. Brasília: Ed UnB, 1998.

### Dados:

#### 4.7 Bakhtin e as três concepções de língua

Não poderíamos encerrar esta breve história da ciência linguística sem mencionar o importante trabalho do pensador russo Mikhail Bakhtin

(1895-

1975).

Por questões pessoais e políticas, várias de suas obras foram publicadas sob o nome de amigos e discípulos. Assim se deu COM seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado na Rússia em 1929 sob o nome de V. Voloshinov. Durante várias décadas, a obra permaneceu desconhecida dos estudiosos ocidentais. Quando, porém, na década de 1970, surgiram as primeiras traduções européias, o impacto do pensamento de Bakhtin foi enorme e até hoje não diminuiu. O mundo acadêmico ocidental surpreendeu-se ao ver que, nas primeiras décadas do século XX, aquele quase desconhecido intelectual soviético já assumia posturas teóricas que só viriam a cristalizar-se no Ocidente a partir da década de 1960 no trabalho dos sociolinguistas, dos teóricos da pragmática linguística e das diversas escolas de análise do discurso. Embora suas obras tratem igualmente de

148



1 De acordo com Weedwood (2002:149), citando a teoria de Mikhail Bakhtin (1895-  
2 1975), a língua pode ser vista sob duas concepções que foram criticadas pelo pensador russo:

3  
4 Uma das principais contribuições de Bakhtin ao pensamento linguístico  
5 contemporâneo está em sua crítica às duas grandes concepções de língua e de  
6 linguagem que, segundo ele, sempre dominaram os estudos filológicos,  
7 gramaticais e linguísticos até sua época. Essas duas grandes concepções se  
8 identificam, em boa medida, com o que até agora viemos chamando de  
9 tendências universal e particular de abordagem dos fenômenos linguísticos.

10  
11 A primeira concepção criticada por Bakhtin é aquela que ele designa como “subjetivismo  
12 idealista”. Segundo a autora, *É a percepção da língua como ‘atividade mental’, em que o  
13 psiquismo mental constitui a fonte da língua (p.149)*. Até a época de Bakhtin, essa concepção  
14 também era defendida pela visão de Wilhelm Humboldt. Mais tarde, surgiram teorias que  
15 também concebem a língua como atividade mental, como a proposta de Noam Chomsky, também  
16 considerada como subjetivismo idealista.

17 A segunda concepção de língua e linguagem mostrada por Bakhtin defende a ideia de que a  
18 língua é um sistema de regras, e ele a denomina de “objetivismo abstrato”. Nessa concepção,  
19 Bakhtin critica Saussure e o estruturalismo. De acordo com Weedwood (150).

20  
21 Segundo o filósofo russo, a linguística saussuriana, que acredita distinguir-se dos  
22 procedimentos da filosofia tradicional, na verdade só faz reiterá-los e perpetuá-  
23 lo, ao desvendar a produção individual dos falantes (a parole) e ao se concentrar  
24 num construto teórico abstrato, homogêneo, impossível de verificação empírica  
25 (a langue, ou sistema ou sincronia).

26 4. A LINGÜÍSTICA NO SÉCULO XX

outros temas, como a psicanálise e a teoria e crítica literárias, vamos nos concentrar aqui em suas reflexões mais estritamente linguísticas.

Uma das principais contribuições de Bakhtin ao pensamento linguístico contemporâneo está em sua crítica às duas grandes concepções de língua e de linguagem que, segundo ele, sempre dominaram os estudos filológicos, gramaticais e linguísticos até sua época. Essas duas grandes concepções se identificam, em boa medida, COM o que até agora viemos chamando de tendências universal e particular de abordagem dos fenômenos linguísticos.

A primeira dessas concepções de língua é chamada por Bakhtin de “subjetivismo idealista”. É a percepção da língua como uma “atividade mental”, em que o psiquismo individual constitui a fonte da língua.

Bakhtin sintetiza essa concepção nas seguintes afirmações:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“*emergeia*”), que se materializa sob a forma de atos de fala individuais.

2. As leis de criação linguística são essencialmente leis individual-psicológicas.

3. A criação linguística é uma criação racional análoga à criação artística.

4. A língua, na qualidade de produto acabado (“*ergon*”), na qualidade de sistema estável (léxico, gramática, fonética) se apresenta como um depósito inerte, tal como a lava esfriada da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas em vista de sua aquisição prática como ferramenta pronta para o uso.

149

Bakhtin identifica o alemão Wilhelm Humboldt como um importante (talvez o maior) representante e defensor dessa primeira concepção de língua. Os críticos atuais da gramática gerativa também costumam incluir Noam Chomsky entre os que vêem a língua dentro de um “subjetivismo idealista”. De fato, é conhecida a proposta de Chomsky de classificar a linguística como um ramo da psicologia cognitiva, de basear suas análises na produção verbal de um “falante ideal”, abstraído de toda realidade histórica e social, e de empreender a busca de uma “gramática universal”, igualmente infensa às investidas da ideologia e da vida social dos seres humanos.

A segunda concepção de língua criticada por Bakhtin é a que ele chama de “objetivismo abstrato”. É basicamente a concepção da língua como um sistema de regras passíveis de descrição. A crítica de Bakhtin se dirige agora explicitamente a Saussure e ao estruturalismo que então nascia a partir dos postulados saussurianos. Segundo o filósofo russo, a linguística saussuriana, que acredita distinguir-se dos procedimentos da filologia tradicional, na verdade só faz reiterá-los e perpetuá-los, ao desdenhar a produção individual dos falantes (a parole) e ao se concentrar num construto teórico abstrato, homogêneo, impossível de verificação empírica (a langite, ou sistema, ou sincronia). Tal como faz para a primeira concepção tradicional, Bakhtin também sintetiza o “objetivismo abstrato” numa série de postulados:  
150

27 Assim, com a crítica dessas duas concepções de linguagem, Bakhtin expressa que se deve  
28 considerar a língua como atividade social, em que o importante é a enunciação, o processo  
29 verbal e não o enunciado, o produto. É dessa maneira que Bakhtin define uma terceira  
30 concepção para a língua e a linguagem. “Para Bakhtin, a língua é (tal como para Saussure) um  
31 fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação” (WEEDWOOD,  
32 2002:151).

33 Percebemos, então, que, para uma proposta escolar, ao darmos privilégio à EL, diferenciamos o  
34 que ocorre, na quase totalidade das salas de aula de todo o país, que é a colocação de uma  
35 norma padrão, considerada ideal e determinada como sendo “o Português” ou “a Língua  
36 Portuguesa”, estabelecendo, assim, o preconceito e a discriminação linguística, pois aqueles que  
37 não se enquadram no “padrão culto” estabelecido não são considerados falantes do português,  
38 mas sim, de uma linguagem tida como “errada” (BAGNO, 2002).

A essas duas concepções de língua Bakhtin opõe a urgência de se considerar a língua como uma atividade social, em que o importante não é o enunciado, o produto, mas sim a enunciação, o processo verbal. Para Bakhtin, a língua é (tal como para Saussure) um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Mas, contrariamente à linguística saussuriana e pós-saussuriana, que faz da língua um objeto abstrato ideal (um “arcoíris imóvel sobre o fluxo da língua”, como escreve  
151



**Quarta-feira, 19 de outubro, 14h00**

## **CULTURAS DESLOCADAS E SEUS EFEITOS**

Milan Puh – USP  
Jobi Espasiani – USP  
Nereida Dourado – USP e IFMA

**Debatedores:**  
Sandro Luis da Silva – USP e UNIFESP  
Cindy Evellyn de Araujo Silva – USP

## O LUGAR DOS LEITORES: ENTRE MENOCCHIO, INQUISIDORES E GINZBURG (E SEUS LEITORES)

Jobi ESPASIANI  
jobmerlim@hotmail.com

**Questão de pesquisa:** a concepção de cultura oral e de cultura escrita que subjaz ao trabalho de um erudito relativiza a validade de suas conclusões?

**Objetivo:** depreender, pela análise de enunciados, posturas ideológicas de seu enunciador que sugiram direções e sentidos distintos daqueles que foram previamente anunciados.

**Hipótese de trabalho:** A empatia de um intelectual de esquerda pelas classes populares resvala, muitas vezes, em conceitos incorporados em nível tão profundo, que esses conceitos não alcançam o limiar da desconfiança epistemológica.

**Material de análise:** Excertos do livro *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideais de um moleiro perseguido pela Inquisição. Os vários excertos deste livro são contrapostos a pouquíssimos trechos retirados de Michel de Certeau e de Natalie Zemon Davis.

### Excerto nº 8

[...] Mas como eram lidos pelo público de então? Em que medida **a cultura predominantemente oral daqueles leitores interferia na fruição do texto, modificando-o, remodelando-o, chegando mesmo a alterar sua natureza?** As referências de Menocchio a suas leituras nos dão um exemplo claro desse tipo de relação com o texto, a qual diverge por inteiro das dos leitores cultos de hoje. [...] **No caso de Menocchio a defasagem aparece com uma profundidade decerto pouco comum.** [...] (GINZBURG, 1987, p. 27; negritos meus)

### Excerto nº 9

Vimos quais livros Menocchio lia. Mas como os lia?

Confrontando, uma por uma, as passagens dos livros por eles citados com as conclusões às quais chegava (ou até mesmo com o seu modo de referi-las aos juízes), **nos vemos às voltas, invariavelmente, com lacunas e deformações, às vezes profundas.** Qualquer tentativa de considerar esses livros “fontes” no sentido mecânico do termo cai ante a **agressiva originalidade da leitura de Menocchio.** Mais do que o texto, portanto, parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a **página impressa** – um **filtro** que fazia **enfatizar** certas passagens enquanto **ocultava** outras, que **exagerava** o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que **agia sobre a memória** de Menocchio **deformando** sua leitura. **Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral.**

Isso não quer dizer que o livro para Menocchio fosse incidental, um pretexto. Ele mesmo declarou, como veremos, que pelo menos um livro o inquietara profundamente, levando-o, com suas afirmações inesperadas, a ter pensamentos novos. Foi **o choque entre a página impressa e a cultura oral, da qual era depositário**, que induziu Menocchio a formular – para si mesmo em primeiro lugar, depois aos seus concidadãos e, por fim, aos juízes – as “opiniões [...] [que] saíram da *sua* própria cabeça”. (GINZBURG, 1987, p.80; destaques meus; colchetes do autor).

**Considerações finais:** Ginzburg ofereceu-nos um Menocchio carismático. Talvez haja, entre o Menocchio dos documentos lidos por Ginzburg e o Menocchio recriado por ele, um recado do autor que nos indica direção e sentido a seguir: do rural para o urbano, do oral para o escrito, do religioso para o laico, do arcaico para o moderno. O seu Menocchio, em oposição aos outros camponeses, inclusive Scolio, é um camponês em deslocamento. Seria, então, o Menocchio de Ginzburg a um só tempo, um resgate e um modelo? Um modelo de

um camponês que se desloca, já que a cultura de seu lugar e ao seu modo é insuficiente para o embate social.

---

### Referências bibliográficas

BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura, escrita e relação com o conhecimento*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2016.

BOUTIER, Jean et BOUTRY, Philippe. **L'invention historiographique**, *Enquête* [En ligne], 3 | 1996, mis en ligne le 11 juillet 2013, consulté le 30 septembre 2016. URL : <http://enquete.revues.org/473> ; DOI : 10.4000/enquete.473

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 [1980].

DAVIS, Natalie Zemon. **O povo e a palavra impressa**. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990 [1975], 2ª edição.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1976].

SERNA, Justo e PONS, Anaclet. El microhistoriador como lector . Publicado em *El siglo XX* pela Asociación de Historia Contemporánea., 2000.

Publicado em *El siglo XX*. Valencia, Asociación de Historia Contemporánea. Universitat de València, 2000. In: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4258630>

## DIZ-FORME: O QUE SE FORMA COM O QUE SE DIZ

Nereida Viana DOURADO  
nereidadourado@uol.com.br

**Questão de pesquisa:** O que a escrita mostra do que temos a dizer no momento em que somos convocados a falar?

**Objetivo:** Analisar movimentos da leitura para a escrita que alunos de graduação fazem quando convocados a escrever.

**Hipótese de trabalho:** Diante da enunciação de uma demanda objetiva (como “disserte sobre o tema TAL para ser avaliado por mim”), o aluno subjetiva a demanda para dar conta mais de registrar que houve, de sua parte, uma dedicação ao estudo, do que de colocar-se como sujeito do conhecimento. Esse movimento privilegia um esforço de memória mais do que de autoria ou de criatividade.

**Material de análise:** dez manuscritos produzidos por alunos da graduação de uma universidade francesa, com vistas à avaliação de uma disciplina.

**Excerto 1:** [...] En 1562, le Duc de Guise fait assassiner des protestantes à Vassy (...). À la suite de cet événement qui est un massacre pur, les catholiques créent une ligue (...) en 1570. (...) deux ans plus tard avec la Saint Barthelémy dans la nuit de 26 août 1572. (...). L'autre guerre important est la bataille de Jarnac en 1569 où une figure important Louis de Condé y perd la vie.

**Excerto 2:** La France du XVI<sup>e</sup> siècle est marquée par d'importants enjeux politiques et religieux. Les guerres se multiplient. Une guerre est une opposition entre deux camps ou plus qui combattent et celui qui a le plus de morts à la fin perd la guerre. Ces guerres sont généralement liées à un conflit religieux. La Religion est la profession de la foi, une religion se pratique seulement si l'on a la foi.

**Excerto 3:** [...] Dans un premier temps, nous verrons les massacres religieux et dans un second temps nous traiterons les enjeux des guerres de religion. (...)

Dans cette première partie, nous avons caractérisé ces guerres dans le fond. Nous allons maintenant définir ce qui a pu causer ce désastre en étudiant les enjeux des guerres de Religion.

**Considerações finais:** Ao optarem por produzir um texto dissertativo que ateste o “nível de conhecimento histórico” e a “capacidade de tematizar e/ou problematizar o texto”, os alunos deslizam da forma dissertativa para a forma narrativa ou descritiva. Esse movimento é produto de uma *leitura errante*, na qual há, num primeiro momento, a de-formação do(s) enunciado(s) e, num segundo momento, a de-formação do texto: o “nível de conhecimento” é preterido ou confundido com a “quantidade de informações”, criando dois pares clássicos que obstaculizam a leitura e a escrita (nível e quantidade/conhecimento e informação).

### Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. In: Gadet, Fr. & Tony, Hak. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1995.
- PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

**Quarta-feira, 19 de outubro, 16h00**

## **SUBVERSÕES DO ESCRITO**

Ana Carolina Barros Silva – USP  
Ana Silvia de Moraes – USP

**Debatedores:**  
Ernesto Sérgio Bertoldo – UFU  
Heron Omar Arraya Cazón – USP

## MOVIMENTOS DE LEITURAS E SUB(VERSÕES) NA ESCRITA

Ana Carolina Barros SILVA  
acbarrossilva@usp.br

**Questão de pesquisa:** De que formas seria possível compreender certos movimentos de leitura que, pela sua aparente “inadequação”, podem gerar algum estranhamento naquele que lê?

**Objetivo:** 1) Descrever os movimentos de leitura que podem ser feitos por um autor (visíveis na materialidade textual) e que geram estranhamentos no leitor; 2) Percorrer estes movimentos que o sujeito faz ao ler pretendendo verificar, de quais formas algumas instâncias como a linguagem, o pensamento e o local (como definido no texto de apresentação deste evento) podem contribuir na compreensão destas “leituras errantes”.

**Hipótese de trabalho:** No trabalho de análise inicial dos dados que serão utilizados neste trabalho, o que me convoca a pensar é a seguinte ocorrência aparentemente frequente: os critérios utilizados pela/o informante ao fazer as seleções das informações que encontra no material que lhe foi disponibilizado para responder questões ou redigir um texto fogem, a princípio, dos critérios aceitos pelo contexto onde o/a informante está inserido/a, tornando assim, sua resposta ou seu texto “estranho” ao leitor. A hipótese com a qual trabalho é a de que, ao ler, o sujeito cria, para si, imaginariamente, uma (sub)versão do texto lido, de maneira que, há, para ele, ao menos dois textos ao qual recorrer: aquele materialmente visível no

papel e aquele gerado, de forma imaginária, como um “aglomerado desconexo de partes do texto lido”.

### Considerações finais:

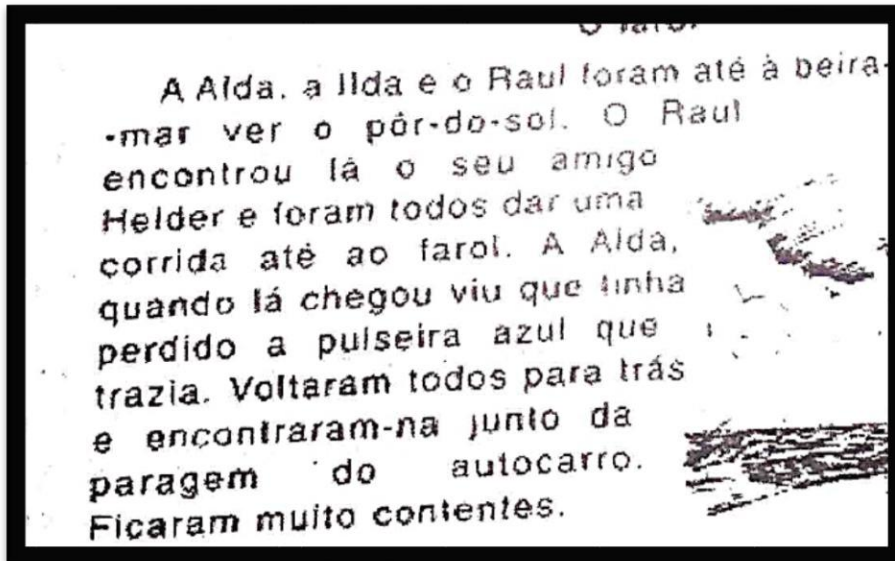
Vivemos em um contexto onde as urgências e a superficialidade ganham primazia. Onde responder com rapidez pode ser mais importante do que fazer uma boa pergunta. Estes são elementos da realidade que não escapam ao contexto escolar ou acadêmico, bem como ao processo de leitura e escrita, que também é submetido a uma série de demandas políticas e institucionais que por vezes se vinculam mais a priorização da quantidade do que propriamente da qualidade da produção. A mesma problemática também pode ser localizada ao lado dos avaliadores ou avalizadores daquilo que é produzido, para quem, também, a pressão e a emergência se impõe. Dado este contexto, é perceptível a efervescência de leituras e escritas “desviadas”, “errantes” ou “descuidadas”. Neste sentido, compreender os movimentos de leitura que borbulham na atualidade se faz útil e necessário. Assim como, para aqueles que se propõe a ler e a escrever desde uma posição ética e responsável com o texto lido ou com o texto escrito, é feito um constante convite a resistência, que, neste caso, muitas vezes pode significar a tentativa de se manter numa posição de mais dúvidas e menos certezas frente ao texto.



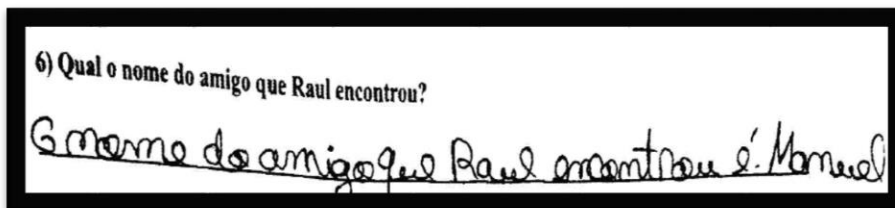
## Referências Bibliográficas

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

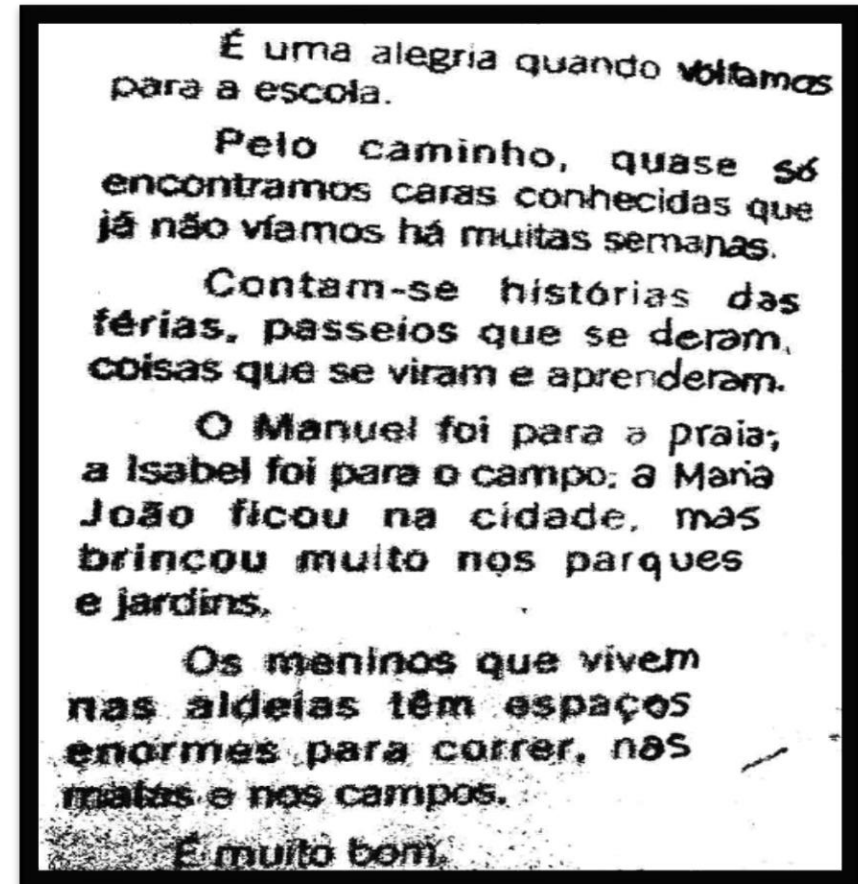
### Recorte 1



### Recorte 2



### Recorte 3





## MEMORIAIS ACADÊMICOS: AS INTERPRETAÇÕES DA PRÓPRIA HISTÓRIA E SEUS DELINEAMENTOS

Ana Silvia de MORAIS  
anasmroais@hotmail.com

**Hipótese de trabalho:** Em *Um, Nenhum, cem mil* (PIRANDELLO, 2015), o protagonista Vitangelo afirma não ser possível se conhecer sem se construir, inventando-se de algum modo. Essa ideia está em concordância com a hipótese do inconsciente e sugere que consideremos, em nossa análise de memoriais, as subversões e imprecisões envolvidas na tarefa de escrever a própria história. Assim, partimos da premissa de que os memoriais acadêmicos constituem-se de interpretações que são, em alguma medida, composições ficcionais. Para compreender os modos como as interpretações pessoais são construídas, nos valeremos dos seguintes pressupostos teóricos: a) as “condições de produção” do memorial, que delinham uma organização argumentativa baseada em um jogo de imagens (expectativas) entre enunciador e receptor (OSAKABE, 2002); b) as marcas de subjetividade predominantes nas enunciações, expressas por “modalidades linguísticas”, que variam de um grau neutro (objetivo) até a representação máxima de subjetividade, contida em uma enunciação apreciativa (POTTIER, 1992).

**Questão de pesquisa:** Tendo em vista que os memoriais acadêmicos são interpretações que os autores fazem sobre a própria história, quais recursos são utilizados para compor e dar verossimilhança a esse tipo de narrativa? Em torno de que elementos a argumentação está organizada?

**Objetivo:** Extrair as bases sobre as quais os autores de memoriais constroem uma narrativa com teor autobiográfico, ao identificar: **a)** Aspectos das condições de produção dos memoriais (interesse dominante, significações fundamentais); **b)** As modalidades linguísticas mais frequentes no texto de

cada um dos informantes (existencial, epistêmica, factual/deontica e axiológica).

**Material de análise:** Três memoriais acadêmicos escritos por docentes de uma universidade pública paulista, para obtenção do título de professor livre-docente.

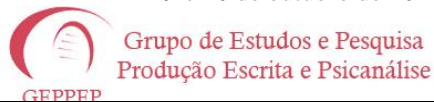
**Considerações finais:** A análise do material sugere que a área de trabalho do docente/pesquisador constitui-se como um ponto de ancoragem para a escrita do memorial, organizando a argumentação. As escolhas feitas pelos autores ao escrever (construções frasais, elementos pré-textuais, escolhas lexicais) produziram uma configuração que guarda semelhanças com o objeto de pesquisa, com o método ou com a área do conhecimento do docente/pesquisador. Embora este tenha sido um estudo exploratório, pareceu-nos possível estabelecer uma correlação entre o modo como alguém narra sua vida e sua posição em relação ao conhecimento.

### Referências bibliográficas

- CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier da. **O memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica do ensino superior no Brasil**. 2012. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- CARREIRA, Maria Helena de Araújo. Para uma leitura guiada de *Sémantique Générale* de Bernard Pottier com adaptações ao Português. In: **Línguas e Literaturas**. Revista da Faculdade de Letras, Porto, 1994. Pp. 147-180.
- OSAKABE, Haqira. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 224p.
- PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 224p.
- POTTIER, B. **Sémantique générale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- RIOLFI, Claudia Rosa. Ensinar a escrever: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. In: **Leitura. Teoria & Prática**. Revista da Associação de Leitura do Brasil. Campinas, vol. 40, jan/jul. 2003. Pp. 47-5
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007. 129p.

## XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes

19 e 20 de outubro de 2016



Informante	Bernardo	Alice	Miguel
<b>Objeto de estudo</b>	Escravidão nos Estados Unidos, Brasil e Cuba.	Negação linguística e pragmática.	Sistemas Colaborativos e Engenharia de Software.
<b>Interesse dominante do discurso</b> (Osakabe, 2002)	Prestar conta de seu percurso acadêmico.	Opor-se a uma visão corrente de ciência.	Mostrar excelência.
<b>Atos de linguagem predominantes</b> (Osakabe, 2002)	Informa; Descreve; lista, conta (embates), argumenta (sobre trabalho coletivo).	Apresenta-se, argumenta (sobre sua visão de ciência); opõe-se.	Mostra destaques da carreira;  Apresenta-se usando números, tabelas e gráficos.
<b>Trechos exemplificadores</b>	Ainda em relação ao período de formação, <b>preciso salientar</b> minhas conversas com ( <b>nome de pesquisador</b> ), que ofereceu, em maio/junho de 1998 (no início do meu doutorado, portanto), um curso de pós-graduação na História Social.	Contudo, <b>não creio que um sistema seja superior ou invalide o outro</b> , apenas, que eles servem a diferentes propósitos. Assim como uma teoria rígida <b>não é uma verdade estabelecida</b> e acabada, também <b>uma teoria menos rígida não é necessariamente válida</b> só por ter sido sugerida.	<b>Também de forma inédita</b> transmiti o evento pelo Second Life. <b>O evento teve recorde</b> de público até então.  <b>Sempre</b> fui apaixonado por tecnologias...
<b>Modalidades predominantes</b> (Pottier, 1992)	Modalidade factual/ deôntica  Domínio do dever	Modalidade epistêmica+  Modalidade axiológica  Domínio do cognitivo + Domínio da apreciação	Modalidade axiológica  Domínio da apreciação

**Quinta-feira, 20 de outubro, 10h00**

## **COMBINADOS E DESCOMBINADOS AO ESCREVER**

Ercilene Maria da Souza Vita – USP e FLPasteur  
Renata de Oliveira Costa – USP  
Maristela Silva de Freitas – USP

**Debatedores:**  
Mical de Melo Marcelino – UFU  
Ana Paula Bezerra Severiano – USP

## MUDA DE CÉU E NÃO DE ALMA AQUELE QUE ATRAVESSA O MAR?

Ercilene Vita  
ercilenevita@hotmail.com

**Perguntas de pesquisa:** Como se escreve nas universidades francesas? Haveria nesses textos diferenças importantes que nos permitiriam dizer que eles possuem a sua especificidade e são, portanto, distintos dos textos apresentados por alunos da graduação de nosso país? O que um professor universitário francês espera dessa escrita?

**Objetivos:** 1) Estudar alguns movimentos textuais, bem como os equívocos ou desvios de interpretação - em relação ao objeto estudado - que podem ser verificados nesses movimentos; 2) Analisar as expectativas do professor em relação ao aprendizado acerca deste objeto; 3) Verificar se existem especificidades na escrita acadêmica francesa.

**Hipóteses de trabalho:** 1) Não existe uma especificidade intrínseca a textos acadêmicos escritos na França; 2) O professor é aquele que zela no sentido de que o aluno ultrapasse um obstáculo epistemológico que entrava seu conhecimento em relação a um determinado objeto; 3) Há movimentos textuais que indicam um desvio em relação ao conhecimento do objeto estudado.

**Material de análise:** textos dissertativos escritos por alunos do primeiro ano de graduação em História e Geografia da Universidade Paris XIII, acerca dos temas “O poder do rei na França do Século XVIII” e “As guerras de religião na França”.

Manuscrito 10 - (8 páginas)

### Excerto 1

*“A causa das guerras subsequentes (a terceira e a segunda não têm exatamente um limite, elas se encadeiam) é os protestantes.”*

*Comentário do professor: “Mal formulado”*

### Excerto 2

*“Enquanto o reino vivia relativamente em paz desde 1570 com o Édito de Saint-Germain, tudo muda em 1572. O (massacre) de Saint-Barthélémy encontra suas causas na chegada massiva de protestantes holandeses nos Países Baixos, o que inicia uma guerra civil nesse país.”*

*Comentário do professor: “Rever”*

### Excerto 3

*“Mas um partido católico, uma liga, leva o rei a não aplicar o Édito. Eis por que o duque de Guise (Henri de Lorraine) reúne a Liga constituída por grandes Senhores que não querem um herege no comando da França.”*

(trecho sem comentários do professor)

Comentários do professor em outro trecho: “Seja mais preciso”.

Comentários gerais do professor: “Conhecimentos muito bons. Agora é preciso aprender a utilizá-los dentro de um texto fundado em uma problemática”.

O que o professor esperava avaliar em todos os textos, segundo o que nos informou: 1) o nível de conhecimento histórico dos estudantes; 2) a qualidade da expressão escrita; 3) a capacidade de organizar o conhecimento acerca de um tema específico, em um tempo limitado e apresentá-lo de um modo refletido e questionador.

**Considerações finais:** Nesta pesquisa, percebemos que existem movimentos de escrita que podem fazer com que alguns obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996), como por exemplo, o desvio em relação à compreensão do objeto, sejam evidenciados. Esses movimentos - analisados neste caso num *corpus* proveniente de uma universidade francesa - não são suficientemente diferentes a ponto de

caracterizar uma escrita específica. Os obstáculos epistemológicos encontrados parecem muitas vezes ser provenientes do próprio caminho do conhecimento, caminho cujo garantidor é o professor que, em suas orientações, tenta fazer com que o aluno corresponda às suas expectativas em relação ao aprendizado e às nuances características de um conhecimento consequente e não afeito ao preconceito.

### Referências bibliográficas

BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARZOTTO, V. H. Que língua é essa!? Se português é isso aí, então, eu não sei português. In: CAMPOS, Sulemi Fabiano; BARZOTTO, Valdir Heitor (orgs). **Ensino da leitura e da Escrita**. Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino. Natal-RN: Editora EDUFRN, 2013

CARDOSO-GIL, M. R. De uma língua a outra. Texto apresentado na Jornada de estudos sobre a Tradução "Sur la Traduction : de quelle "version" s'agit-il ?" da Associação Psicanalítica Internacional, em 31/01/98, Paris, 1998. Disponível em: <[http://freud-lacan.com/freud/Champs\\_specialises/Theorie\\_psychanalytique/De\\_uma\\_lingua\\_a\\_outra](http://freud-lacan.com/freud/Champs_specialises/Theorie_psychanalytique/De_uma_lingua_a_outra)>.

GINZBURG, C. (1986) Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PIRANDELLO, L. Um, nenhum. cem mil. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

## LEITURAS EQUIVOCADAS OU TRAVESSURAS?

Renata COSTA  
renata.costa@usp.br

**Questão de pesquisa:** Em que medida uma leitura inesperada pode caracterizar incompreensão ou transgressão?

**Objetivo:** Discutir as leituras inesperadas realizadas por crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, no contexto de uma avaliação institucional.

**Hipótese de trabalho:** As leituras inesperadas estão relacionadas especialmente a: 1) aspectos linguístico-textuais do texto base da proposta; 2) repertório cultural insuficiente relacionado aos tópicos das reportagens; 3) autoria, uma vez que uma leitura considerada inesperada pode evidenciar um posicionamento frente à orientação argumentativa (DUCROT, 1989) do texto lido: uma travessura.

### Material de análise:

1. *Proposta de produção escrita da Avaliação da Aprendizagem em Processo – 5º ano. Realizada em abril/ 2016.*

1. **PRODUÇÃO ESCRITA**
2. **CARTA OPINATIVA DO LEITOR**
3. As olimpíadas que acontecerão na cidade do Rio de Janeiro em 2016 já contabilizam um impacto em relação às contas públicas. Na reportagem abaixo.
4. você terá acesso às informações sobre esse impacto
5. Leia a reportagem e analise os gastos, assim como os argumentos para tais gastos.
7. **Olimpíadas de 2016 já custa R\$36,7 bi e supera a Copa em**
8. **43%**

- 1.1. *Excerto do texto produzido por Carina (10 anos e 9 meses)*

1. Só para assistir a copa
2. para mim tem que abai-
3. xar um poucos este valor
4. porque tem pessoas que
5. quer tanto assistir tan
6. to a copa mas o valor
7. é tão alto que não po-
8. derá assistir os jordo

- 1.2. *Excerto do texto produzido por Paulo (10 anos e 11 meses)*

1. eu concordo com as olimpíadas
2. acontecerem, mas eu não concordo
3. que o povo pague mas que governo,
4. o governo tem que pagar a maior
5. parte do dinheiro das olimpíadas.

- 1.3. *Texto produzido por André (11 anos e 2 meses)*

1. Eu concordo, pois muitos dos sonhos das pess-
2. oas estão ligado a todos esses esportes,
3. as pessoas sonham em ganhar e realizar
4. isto, e a alguém ajudando isto, todo estes
5. gastos não vai ser em vão, vai agrad-
6. ar a todos que estão neste projeto, todo
7. este dinheiro poderia gastar como quiser mas
8. pensou tanto num projeto para ajudar
9. tanta família, tanto trabalho, tanta perfei-
10. ção, para isto.
11. Um sonho realizado

2. *Proposta de produção escrita da Avaliação da Aprendizagem em Processo – 5º ano. Realizada em junho/2016.*

1. PRODUÇÃO ESCRITA
2. Carta opinativa do leitor
3. A reportagem diz respeito ao trabalho das mães que precisam se locomover com seus filhos com o carrinho de bebê em locais públicos e que
4. muitas delas optam por levarem seus filhos para um passeio pelo shopping.
5. Leia a reportagem e analise a decisão das mães que optam por trocar o passeio com seus filhos a espaços ao ar livre por uma ida ao shopping
6. **Refúgio para as mães**

2.1.. *Excerto do texto produzido por Eduardo (11 anos e 1 mês)*

1. devia ter rampas nos Shoppings

2.2. *Texto produzido por Laura (11 anos e 1 mês)*

1. Eu acho que os bebês precisam conhecer
2. mais o ar livre que eles devem crescer
3. ão azul do céu ao verde da mata
4. e a luz do sol.
5. E eu também acho que a prefeitura deve colocar banheiros e fraldário
6. e precisa de uma sala para as
7. mães amamentarem seus filhos.

9. E não gosto muito da idéia
10. de suas mães levar seus filhos ao
11. shopping por que não é um ambiente
12. saudável para as crianças.

**Considerações finais:**

De acordo com Bachelard (1996, p. 18) “Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos”. A criança, por ainda não ter a idade de seus preconceitos, frequentemente se permite lançar outro olhar ao senso comum amplamente difundido nos grandes meios de comunicação. Assim, o “combinado” potencialmente estabelecido pela orientação argumentativa de um enunciado, pode suscitar uma outra leitura: errante, mas não necessariamente errada.

**Referências Bibliográficas**

DUCROT, O. “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e Sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. (Tradução de Eduardo Guimarães).

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.



## É PARA PULAR LINHA OU APAGAR? – CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA LEITURA QUE O ALUNO FAZ DAS INTERVENÇÕES DO PROFESSOR

Maristela Silva de FREITAS  
maristela.freitas@usp.br

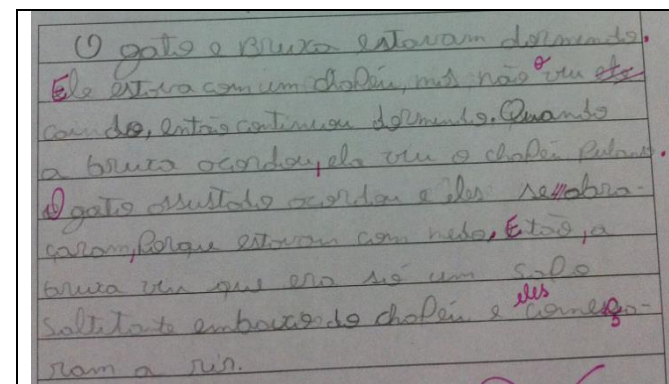
**Pergunta de pesquisa:** Que convenções e saberes estão envolvidos num processo de leitura das intervenções escritas do professor em um texto escolar?

**Objetivos:** 1) Analisar quais convenções (isto é, acordos construídos entre professora e alunos em contexto de produção de textos) sustentam a leitura que um aluno faz da intervenção do professor em seu texto; e 2) Verificar os saberes mobilizados nesta leitura.

**Hipóteses de trabalho:** 1) A leitura que um aluno faz da intervenção do professor em seu texto é influenciada tanto por saberes a respeito da língua quanto por convenções estabelecidas no cotidiano das aulas; e 2) Estudar o processo de leitura dessas intervenções possibilita ao professor compreender os saberes e os não-saberes de um aluno num processo de aprendizagem da escrita.

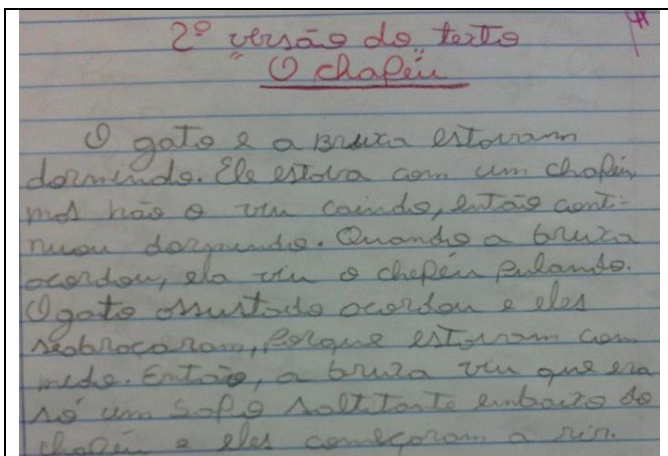
**Material de análise:** Versões de textos produzidos por uma aluna de um 5º ano do Ensino Fundamental.

### Quadro 1 – Primeira versão do texto (com as intervenções da professora)



- 1 O gato e Bruxa estavam dormindo
- 2 ele estava com um chapéu, mas não viu ele
- 3 caindo, então continuou dormindo. Quando
- 4 a bruxa acordou, ela viu o chapéu pulando
- 5 o gato assustado acordou e eles se abra-
- 6 caram Porque estavam com medo, então a
- 7 bruxa viu que era só um sapo
- 8 Saltitante embaixo do chapéu e <sup>eles</sup> comea-
- 9 ram a rir.

### Quadro 2 – Segunda versão do texto (versão final)



- 1 2ª versão do texto
- 2 “O chapéu”
- 3 O gato e a Bruxa estavam
- 4 dormindo. Ele estava com um chapéu
- 5 mas não o viu caindo, então conti-
- 6 nuou dormindo. Quando a bruxa
- 7 acordou, ela viu o chapéu pulando.
- 8 O gato assustado acordou e eles
- 9 se abraçaram, porque estavam com
- 10 medo. Então, a bruxa viu que era
- 11 só um sapo saltitante embaixo do
- 12 chapéu e eles começaram a rir.

**Considerações finais:** Ao fazer uma leitura que, aos olhos de um leitor experiente, se caracteriza como inesperada, a aluna dá pistas à professora a respeito dos seus não-saberes. Isto é, a aluna manifesta por meio de sua leitura o que precisa ser trabalhado em sala de aula para que, em suas futuras produções, ela chegue ao acerto. Assim como as palavras assumem diferentes significados quando proferidas por Gengê (PIRANDELLO, 2015), conforme epígrafe da mesa, acreditamos que as intervenções da professora também possam ganhar mais ou menos importância, de acordo com a situação vivenciada. Trata-se de um processo em que, dando vida à situação, a aluna manifesta sua presença enquanto leitora. Verificamos que tanto os saberes a respeito da língua quanto os saberes a respeito dos procedimentos interventivos da professora (bem como as convenções construídas no cotidiano das aulas) são mobilizados no processo de leitura das intervenções. Destaquemos também que, assim como a informante lê as intervenções contidas em seu texto, a professora também lê no texto da aluna o que falta para ser trabalhado em contexto de produção de textos. Uma leitura, portanto, corresponde à outra, na medida em que ambos os lados estão engajados num mesmo processo de trabalho.

#### Referências bibliográficas

- CAGLIARI, L. C.. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- CALKINS, L. M. *A arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento do discurso escrito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CALKINS, L.; HARTMAN, A.; WHITE, Z. *Crianças produtoras de texto: A arte de interagir em sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ESTEBAN, M. T. *O que sabe quem erra? - reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PIRANDELLO, L. *Um, nenhum e cem mil*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

**Quinta-feira, 20 de outubro, 14h00**

## **OBEDIÊNCIAS E DESOBEDIÊNCIAS AOS TEXTOS**

Carlos Henrique Rizzo Pereira – USP  
Carolina de Jesus Pereira – USP  
Sandro Luis da Silva – USP e UNIFESP

Debatedores:  
Sulemi Fabiano Campos – UFRN  
Mariana de Lima Feitosa – USP

## DA LEITURA À ESCRITA: UM CAMINHO ERRANTE

Carlos Henrique RIZZO

carlos.henrique.pereira@usp.br

**Questão de pesquisa:** Quais são e como se configuram os movimentos de leitura desviantes feitos por alunos pré-vestibulandos em suas primeiras redações num cursinho popular?

**Objetivo:** Afastando-se da noção de “erro”, visamos a analisar os textos de alunos de um cursinho pré-vestibular popular, a fim de identificar os movimentos de leitura desviantes que se manifestam na escrita e assumirmos uma posição propositiva frente a esses movimentos.

**Hipótese de trabalho:** Nas produções dos alunos é possível encontrar marcas que revelam um percurso errante na mobilização dos dados da coletânea na redação final, resultante de determinados processos inferenciais de leitura (Marcuschi, 1999), da dificuldade de uso do código linguístico apropriado ao gênero, ou de deslizamentos na transposição de fontes de informação.

**Material de análise:**

<p>Quadro 1: Texto I da proposta de redação do Enem 2013 Qual o objetivo da “Lei Seca ao volante”?</p> <p>De acordo com a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), a utilização de bebidas alcoólicas é responsável por 30% dos acidentes de trânsito. E metade das mortes, segundo o Ministério da Saúde, está relacionada ao uso do álcool por motoristas. Diante deste cenário preocupante, a Lei 11.705/2008 surgiu com uma enorme missão: alertar a sociedade para os perigos do álcool associado à direção.</p> <p>Para estancar a tendência de crescimento de mortes no trânsito, era necessária uma ação enérgica. E coube ao Governo Federal o primeiro passo, desde a proposta da nova legislação à aquisição de milhares de etilômetros. Mas para que todos ganhem, é indispensável a participação de estados, municípios e sociedade em geral. Porque para atingir o bem comum, o desafio deve ser de todos.</p> <p>Disponível em: <a href="http://www.dprf.gov.br">www.dprf.gov.br</a>. Acesso em: 20 jun. 2013.</p>			
<p>Quadro 2: Texto III da proposta de redação do Enem 2013</p>			
<p><b>LEI SECA EM NÚMEROS</b></p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>- 13% Atendimento Hospitalar Fonte: Secretaria Municipal de Saúde (RJ)</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p>97% Aprovaram o uso dos bafômetros Fonte: IBPS</p> </div> </div>		<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p>-27% Vítimas de acidente no Grande Rio Fonte: ISP - RJ</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p>-6,2% Média Nac. de redução vítimas fatais Fonte: DataSUS</p> </div> </div>	

Quadro 3: Nomenclatura dos dados	
Dado (IA)	“De acordo com a Associação Brasileira de Medicina de Tráfego (Abramet), a utilização de bebidas alcoólicas é responsável por 30% dos acidentes de trânsito.”
Dado (IB)	“metade das mortes, segundo o Ministério da Saúde, está relacionada ao uso do álcool por motoristas.”
Dado (IIIA)	“-13% Atendimento Hospitalar, Fonte: Secretaria Municipal de Saúde (RJ)”
Dado (IIIB)	“-97% Aprovam o uso dos bafômetros, Fonte: IBPS”
Dado (IIIC)	“-27% Vítimas de acidente no Grande Rio, Fonte: ISP – RJ”
Dado (IIID)	“-6,2% Média Nac. de redução de vítimas fatais, Fonte: DataSUS”

Quadro 4: Redação 1	
18.	Na pesquisa feita, a lista de
19.	nomes mostra que caiu bastante o
20.	número de pessoas mortas por acidentes
21.	depois de ter sido colocada a lei seca.
22.	Então de noite faz hoje faz de casa
23.	se reconhece e chama um táxi ou
24.	um amigo, parente tanto faz, do irmão
25.	ou seja.
26.	

Quadro 5: Redação 2	
6.	Mesmo depois de cinco anos da lei seca entrar em vigor,
7.	cerca de trinta por cento dos acidentes de trânsito ainda é causado
8.	pele consumo de álcool, segundo uma pesquisa de Abramet feita em
9.	2013. Isso prova que a atual lei seca não cumpre sua função com
10.	

Quadro 6: Redação 3	
2.	Segundo a Abramet 30% dos acidentes são
3.	por bebidas alcoólicas, porém muitas não estão de
4.	acordo com a lei seca pois não quem ser levado
5.	por um guarda de trânsito e serem advertido.
6.	Porém isso não foi um problema tão grande
7.	pois segundo a fonte IBPS 97% da população aprovou
8.	a uso de bafômetros. Mas porque a maioria das pessoas
9.	utilizam a bafometria e os acidentes de trânsito não
10.	pararam?



Quadro 7: Redação 4	
16.	Essa implementação de governo conscientizou as pessoas
17.	assim a taxa de mortalidade e os acidentes causados
18.	por bebidas e estradas foram reduzidos. Cerca
19.	97% das pessoas aprovaram a lei seca, isto é, se ela
20.	aprovou também a respeito.

Quadro 8: Redação 5	
7.	A lei seca tem como principal objetivo reduzir a
8.	sofocidade dos pingos tráfego com o álcool, por
9.	seu um tema recente a implementação dos balômetros imposta
10.	repressão, apenas 97% aprovaram a lei, sendo que 6,2
11.	milhões de veículos foram afetados.

Quadro 9: Redação 6	
14.	Segundo o Secretário Municipal de Saúde (RS), o efeito da
15.	lei seca diminuiu em 13% a 27% a taxa de acidentes no grande
16.	rio e -6,2% de mortes fatais. 97% da população aprovaram o
17.	uso dos balômetros, que é uma forma de medir a quantidade
18.	de álcool no sangue dos motoristas.

Quadro 10: Redação 7	
1.	no Brasil, a metade dos acidentes
2.	de trânsito, são causados pelo álcool, sem
3.	contar com a fiscalização federal imposta
4.	de lei seca. Para conscientizar os motoristas a
5.	não consumir álcool ao dirigir.
6.	(R) o governo federal implementou o balômetro
7.	que é um aparelho que indica a quantidade
8.	de álcool que está no sangue, sendo assim, não
9.	podem ser presos ou multados.
10.	através da implementação da lei seca, muitos
11.	problemas foram diminuídos, como as mortes,
12.	os atropelamentos aos pedestres de trânsito.
13.	Diminuição de 27% de vítimas fatais de acidente
14.	de trânsito no grande rio. E no Brasil todo a média
15.	fatais diminuiu para -6,2%.

**Considerações finais:** Identificamos, em redações dissertativo-argumentativas de alunos pré-vestibulandos, formas diferentes de tratamento e mobilização dos dados da coletânea, as quais não caracterizamos como *erros*. Propusemos aqui chamar essas ocorrências de *movimentos de leitura desviantes* que, com base nos dados recolhidos, caracterizamos como sendo causados por processos inferenciais de leitura (MARCUSCHI, 1999), problemas de apreensão do código linguístico específico ao gênero, e problemas de transposição de informações, revelando caminhos errantes da leitura à escrita. Esses movimentos podem ser causados pelos obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996) da opinião, do realismo e do primeiro contato, respectivamente. Concluímos que o “nariz torto” na redação de um aluno pré-vestibulando, assim que identificado, deve ser analisado, e, sobre ele, podem ser elaboradas ações pedagógicas.

### Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LACAN, Jacques. (1964) **O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARCUSCHI, L.A. Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo. In: BARZOTTO, V. H. (org.) **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercados de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- MÜLLER, A. L. P, VIOTTI, E. C. Semântica Formal. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PÉCORRA, A. **Problemas de redação**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

## LEITURAS NÃO CONVENCIONAIS: CONSTRUÇÃO OU APAGAMENTO DE SABERES?

Carolina de Jesus PEREIRA  
carolpereira@usp.br

**Questão de pesquisa:** Quais são as consequências das leituras errantes em um contexto em que “ler para escrever” se constitui como objetivo primordial?

**Objetivos:** a) recuperar o percurso que levou alunos pré-vestibulandos a ler uma proposta de redação como leram; e b) questionar em que medida os deslizos de leitura contribuem para a construção do conhecimento ou funcionam como obstáculo para ela.

**Hipótese de trabalho:** A compreensão de alguns textos exige do leitor que esteja inscrito em uma determinada comunidade discursiva, sob pena de não conseguir manejar o conteúdo lido.

**Material de análise:** Duas redações sobre o tema analfabetismo político.

### Texto 1

#### Analfabeto político no Brasil

Apesar de ser indiscutível, ainda hoje no Brasil existe caso de políticos analfabetos, ou que não conseguiram concluir o ensino médio.

Pode-se mencionar, por exemplo o Tiririca que acabou se elegendo, por meio do ano de 2010 e se tornando um vereador.

Embora não seja possível afirmar com exatidão os resultados disso, supõe-se que acabaram descobrindo que ele não sabia ler, e que não taria com os

estudos completos. Dentre os inúmeros motivos ao não saberem ao certo que levaram essas investigações, é que hoje esse viador se tornou um senador. Em virtude do que foi mencionado, pode-se dizer que o país está despreparado, para uma coisa como essa.

### Texto 2

#### Analfabetismo político

Ao fazer uma análise da sociedade, busca-se descobrir as causas de tamanho índice de analfabetismo na população brasileira, que em pleno século XXI a taxa de analfabetismo ainda é muito grande, principalmente na região nordeste do Brasil.

Uma das principais consequências disso é a formação que afeta diretamente no mercado de trabalho, e com isso um estilo de vida ruim.

Outro fator existente é o fator de abandono e despreocupação do governo em reverter esse quadro, se é no sertão, que leve água, e transporte, se em São Paulo forneça espaço.

Com base nesses fatores, somos levados a acreditar que o analfabetismo vai mais além do que se imagina, o índice é alarmante, no caso do sertão, o que proporcionaria um melhor estudo seria escolas, água, transporte e comida.

Em vista dos argumentos apresentados aqui no sudeste o que falta são abrirem as portas para os de baixa renda.

**Considerações finais:** Os alunos construíram leituras desvinculadas dos textos lidos, sem levar em conta que existe um sentido partilhado para "analfabetismo político". Ao desconsiderarem fragmentos de textos que poderiam ter funcionado como uma chave de leitura, cometeram deslizos de sentido ao construir seus textos mobilizando um conhecimento prévio equivocado.

**XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes**  
19 e 20 de outubro de 2016



**Quinta-feira, 20 de outubro, 16h00**

## **ERRÂNCIA DO SENTIDO EM VERSÕES DE TEXTO**

Claudia Rosa Riolfi – USP  
Emari Andrade – USP  
Suelen Gregatti da Igreja – USP

Debatedores:  
Thomas Massao Fairchild – UFPA  
Raissa Malinda Rocha Mota – UFMA



## LEITURAS ERRANTES: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM VERSÕES DE TEXTOS

Emari ANDRADE  
emaryjesus@yahoo.com.br

**Questão de pesquisa:** o que leituras errantes, feitas por pesquisadores ao longo da escrita de um capítulo de livro, nos ensinam acerca da construção do conhecimento nas ciências humanas?

**Objetivos:** a) analisar as leituras errantes de dois pesquisadores ao incorporarem, na escrita de um capítulo de livro, os textos lidos por eles; e b) depreender “lições” dessas leituras para a construção do conhecimento nas ciências humanas.

**Hipótese de trabalho:** Sabendo, a partir de Bachelard (1996, p. 10), que o saber científico deve ser reconstruído a cada momento”, leituras errantes tendem a acontecer quanto mais aquele que escreve busca esconder a angústia inerente à construção do conhecimento.

**Material de análise:** 24 versões de um capítulo de livro publicado, redigidas ao longo de mais de 24 meses.

### Considerações finais:

- 1) A leitura não é acumulativa, a cada vez que se mobiliza um texto, o pesquisador precisará lidar com os obstáculos inerentes à construção do espírito científico.
- 2) Uma leitura não subjetivada pode ser lida como um artifício para lidar com a angústia de escrever algo novo.
- 3) O pesquisador, no embate de escrita do texto, pode ficar “cego” diante do seu texto, por isso precisa da leitura externa para ver os movimentos errantes de leitura e aprender com ele.

- 4) O papel do leitor externo é essencial para ajudar o pesquisador a “desestabilizar” as próprias leituras.
- 5) Analisar as transformações pelas quais passou um texto é vivificante para o pesquisador, que pode aprender “com os próprios erros”. Isso porque, tal como colocado por Pirandello (2015, p, 13-14), “todos notamos facilmente os defeitos dos outros e não percebemos os nossos”.

### Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston (1938). **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

LACAN, Jacques (1962-63). **O Seminário.** Livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

### Material de análise

Quadro 1: Linhas / tópicos dedicados à discussão de Pécora (1992)

1	2	3 e 5	6	7	8	11	12	14-24
31	32	32	32	26	20	47	47	0
Explicação sobre o conceito de lugar comum	Conceito de lugar comum	Presença do lugar comum	Versão com muitas intervenções	A recorrência do lugar-comum	A recorrência do lugar-comum nos textos acadêmicos	Lugar-comum: o giro em torno do mesmo	Lugar-comum: o giro em torno do mesmo	

**XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes**  
19 e 20 de outubro de 2016



	<b>TRECHOS DO AUTOR COMENTADO (PÉCORA, 1992)</b>	<b>VERSÃO 1</b>
01	“(7) A sociedade é uma estrutura onde se uma peça não funciona para o todo, as outras	Na análise de outra ocorrência sobre uso de <i>lugar comum</i> , o mesmo autor
02	Também tem de parar”. (p. 101)	observou a partir dos dados coletados nas redações que: “a sociedade é uma
03	“(10) Sabe, taí uma coisa difícil de se encontrar hoje em dia. Um amigo de verdade	estrutura onde se uma peça não funciona para o todo, as outras também tem de
04	com quem possamos sempre contar nas horas amargas e nos momentos felizes.	parar” e “coisa difícil de encontrar hoje em dia. Um amigo de verdade com quem
05	As ocorrências (6) e (7) haviam evidenciado a utilização de noções que remetiam a	possamos sempre contar nas horas amargas e nos momentos felizes” (Pécora,
06	Valores consagrados e que, dessa forma, suspendiam a criação de argumentos pelo	1983, p. 101). O autor considerou que esses exemplos são enunciados que
07	próprio texto. A ocorrência (10), ainda que não faça uso conceitual de nenhum dos	reproduzem um discurso cristalizado pela sociedade em forma de “clichês”, pois
08	seus termos, igualmente se reduz ao domínio do consagrado – pelo menos, no sentido	a argumentação se dá a partir do uso do <i>lugar comum</i> . Isso de alguma maneira
09	de que não há nada aí que se testemunhe a ação particular de um sujeito de linguagem (p. 105)	cobra a falta de informações precisas nos textos dos vestibulandos, por exemplo,
10	No caso do lugar-comum, porém, em que ponto do jogo de imagens se encontram ins-	o uso de termos técnicos, específicos de área, como o autor verificou uma
11	talados os fantasmas? Qual é a imagem do interlocutor que ele permite detectar? Ou	indeterminação das referências no texto do candidato.
12	antes, existe essa imagem? Considerando o fato de que o lugar-comum significa sem-	Em seguida, o autor define a apropriação de termos técnicos como uso do <i>lugar</i>
13	pre um reconhecimento, a retomada de um fragmento de linguagem amplamente	<i>comum</i> , que “significa sempre um reconhecimento, a retomada de um fragmento
14	conhecido, então, sem dúvida, essa imagem do outro existe. E, <i>na medida em que esse</i>	de linguagem amplamente conhecido, então, sem dúvida, essa imagem do outro existe.
15	<i>Reconhecimento condiciona-se a uma reprodução</i> , é preciso ver que essa imagem	E na medida em que esse reconhecimento condiciona-se à reprodução”. (Pécora,
15	adquire dimensões tão terríveis a ponto de obrigar o produtor a renunciar a qualquer	1983, p. 110). A crítica do autor baseia-se somente na utilização de termos técnicos
16	ação de linguagem capaz de inaugurar sua presença (p. 107-108)	
	<b>VERSÃO 6</b>	
01	Pode-se aproximar essa exigência com os recursos cobrados em textos de	
02	caráter científico, como certos termos técnicos. Trata-se de uma mecanização	
03	prototípica da escrita acadêmica universitária, em que alguns termos técnicos	
04	passam a ter um sentido mais ou menos consagrado que adquirem nos discursos	
05	de natureza semiformalizada. Esses termos ajudam a preencher uma imagem da	
06	dissertação como um exemplo de objetividade e, quem dera, rigor metodológico,	
07	entram como aparato de produção NÃO ENTENDI NADA, NADA.	
08	Para Pécora (1983) a apropriação de termos técnicos como uso do <i>lugar</i>	
09	<i>comum</i> , significa sempre um reconhecimento, a retomada de um fragmento de	
10	linguagem amplamente conhecido, então, sem dúvida, essa imagem do outro	
11	existe NADA, NADA. E na medida em que esse reconhecimento condiciona-se	
12	à reprodução. A crítica do autor baseia-se somente na utilização de termos	
13	técnicos e em reproduções.	

XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes  
19 e 20 de outubro de 2016



**DO LUGAR “NENHUM” DA PESQUISA À CONQUISTA DE “UM”  
LUGAR PARA PESQUISAR**

Suelen Gregatti da IGREJA  
sue.igreja@gmail.com

**Questão de pesquisa:** quais são os movimentos de escrita realizados por quem busca construir um lugar enunciativo para pesquisar?

**Objetivo:** investigar quais foram as “leituras errantes” percebidas no processo de escrita de um capítulo de livro e os modos como foram ultrapassadas até a produção da versão considerada final.

**Hipóteses de trabalho:** a) as “leituras errantes” podem dar a ver uma dificuldade de o pesquisador considerar os limites implicados no contexto de produção dos dados de sua pesquisa; b) os impasses para selecionar uma teoria podem estar ligados a uma dificuldade de ultrapassar os obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1938) implicados na escrita de um texto; e c) um “ponto de virada” (RIOLFI; ALAMINOS, 2007) pode permitir a construção de um lugar a partir do qual aquele que escreve construa a posição de pesquisador.

**Material de análise:** 24 versões de um capítulo de livro. Analisamos os modos como, nas versões, foram trabalhados: o objetivo, a teoria e a análise.

*a) Objetivo da pesquisa, em quatro momentos:*

Momento 1, excerto da versão 1

01	O que pretendemos realizar neste capítulo é uma reflexão a respeito dos
02	problemas quanto à articulação de textos escritos por alunos do ensino
03	superior.

Momento 2, excerto da versão 3

01	procuramos, como forma de verificar a maneira como a escrita é realizada
02	nestes dois contextos e entender as modalizações do “outro” feitas pelo
03	enunciador, quais sejam, <b>aquele com quem se fala; aquele de quem se</b>
04	<b>fala e; aquele a partir do qual se fala.</b>

Momento 3, excerto da versão 13

01	pretendemos refletir sobre as seguintes modalizações do outro: <b>aquele de</b>
02	<b>quem se fala, aquele do qual se fala e aquele a partir do qual se fala.</b>

Momento 4, excerto da versão 23

01	A partir da análise dos textos de alunos de graduação, buscaremos tratar
02	sobre a relação do sujeito com o saber na universidade contemporânea.

*b) A teoria mobilizada, em cinco momentos:*

Momento 1, excerto da versão 1

01	Na análise de outra ocorrência sobre uso de <i>lugar comum</i> , o mesmo autor
02	observou a partir dos dados coletados nas redações que: “a sociedade é uma
03	estrutura onde se uma peça não funciona para o todo, as outras também tem
04	de parar” e “coisa difícil de encontrar hoje em dia.

Momento 2, excerto da versão 3

01	Para ilustrar a ocorrência sobre o uso de lugar comum, (Pécora, 1983, p.
----	--------------------------------------------------------------------------

## XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes

19 e 20 de outubro de 2016



Universidade de São Paulo



Grupo de Estudos e Pesquisa  
Produção Escrita e Psicanálise



02	101) considera a partir de dados coletados em redações de vestibulandos
03	que os textos reproduzem um discurso cristalizado pela sociedade em forma
04	de clichês, pois a argumentação se dá pelo uso do <i>lugar comum</i> .

### Momento 3, excerto da versão 6

07	<b>NÃO</b>
08	<b>ENTENDI NADA, NADA.</b>

### Momento 4, excerto da versão 13

01	<b>HÁ TB O TEXTO DE FUCHS SOBRE PARÁFRASE</b>
----	-----------------------------------------------

### Momento 5, excerto da versão 23

01	Assim, escolhemos a paráfrase como uma categoria de análise para que possamos compreender em
02	que medida, na escrita acadêmica, o aluno é capaz de reformular o conhecimento que mobilizou,
03	isto é, organizar o conhecimento anteriormente produzido, de maneira a recortar, hierarquizar e
04	rearranjar esse conhecimento. Pretendemos ainda investigar se, na escrita do jornal, a paráfrase é
05	utilizada para criar notícias.

### c) Análise de dados, em três momentos

#### Momento 1, excerto da versão 1

01	Nos dados (1) e (2) percebemos que o aluno apresenta o nome dos autores
----	-------------------------------------------------------------------------

02	como um exibicionista, como quem pretende fundamentar suas pesquisas a
03	partir de um lugar sedimentado. Há nesses casos um <b>com que se fala</b> pois
04	o aluno passa a autorizar suas definições posteriores por meio do nome dos
05	autores já citados. Isso é uma modalização, uma forma de dizer sem ser
06	repellido, uma autorização que é aprendida desde o primeiro ano de
07	graduação.

#### Momento 2, excerto da versão 6

01	<b>JULGAMENTO DE VALOR PRECONCEITUOSO</b>
----	-------------------------------------------

#### Momento 3, excerto da versão 15

01	a) Paráfrase por equivalência formal
02	Neste item, apresentamos um procedimento comum na escrita dos
03	graduandos: o uso da paráfrase como equivalência formal. No caso a ser
04	analisado, o aluno retoma um texto-fonte, não fornece as referências
05	bibliográficas e faz algumas alterações sintáticas no texto. Para verificar
06	esse processo, analisamos uma monografia que teve como proposta

## XII Workshop Produção Escrita e Psicanálise: Leituras errantes

19 e 20 de outubro de 2016



Universidade de São Paulo



Grupo de Estudos e Pesquisa  
Produção Escrita e Psicanálise



07	observar <i>As variedades lingüísticas e o ensino de língua portuguesa nos</i>
08	<i>livros didáticos</i> . Passamos à comparação entre o texto do autor consultado
09	e o texto do aluno.
10	Excerto 4: Autor
11	1 Muitos têm chamado a atenção para o caráter ideológico e
12	2 autoritário do livro didático - que, além de simplificar
13	3 conhecimento, tende a falsear a realidade e escamotear as
14	4 conflitos sociais. (Britto 2000, p. 251)
15	Excerto 5: Aluno
16	1 Há nos livros didáticos um caráter ideológico e por algumas
17	2 vezes autoritário, que simplifica o conhecimento e falseia a
18	3 tendenciando as disputas e os conflitos sociais. (p. 32)
19	Ao compararmos o trecho do texto do aluno com o excerto da obra do autor,
20	verificamos que o aluno faz alterações sintáticas quanto ao texto-fonte.
21	Enquanto o autor usa expressões como “além de simplificar” (linha 2 do
22	excerto 4) e “tende a falsear” (linha 3 do excerto 4), o aluno emprega os

23	termos “simplifica” e “falseia” (linha 2 do excerto 5). Quando o aluno
24	escreve “Há nos livros didáticos um caráter ideológico” (linha 1 do excerto
25	5), altera a força argumentativa da frase do autor “Muitos chamam a atenção
26	para o caráter ideológico e autoritário do livro didático” (linhas 1 e 2 do
27	excerto 4). Observamos que o texto do autor citado informa seu leitor por
28	meio da autorização do discurso de outros pesquisadores. Mas no texto do
29	aluno há um deslocamento de sentido quando faz essa afirmação, uma vez
30	que, dispensando as modalizações usadas no texto do autor, o aluno
31	autoriza-se de modo direto, ancorando seu argumento fora do texto. Esse
32	procedimento de paráfrase é muito recorrente em produções de graduandos.
33	Para não escrever o mesmo que o autor consultado, o aluno recorre às
34	alterações sintáticas. Para Fuchs (1985), isso é uma forma de paráfrase de
35	equivalência formal, uma vez que a escrita parafrástica pode ocorrer pela
36	substituição de algumas construções gramaticais, pela inversão da ordem
37	das orações.

## PALAVRAS SURDAS: ERRÂNCIA NA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Claudia RIOLFI  
riolfi@usp.br

**Questão de pesquisa:** Considerando a coerência como um princípio de interpretabilidade que depende da interação entre o texto, seu autor e o leitor (KOCH; TRAVAGLIA, 1993), como compreender escolhas aparentemente incoerentes por parte do leitor?

**Objetivo:** Discutir a possibilidade de correlacionar as leituras de textos que se depreendem ora de comentários, ora de suas reescritas com o processo de reflexão que subjaz a construção de conhecimento, inclusive a respeito da linguagem.

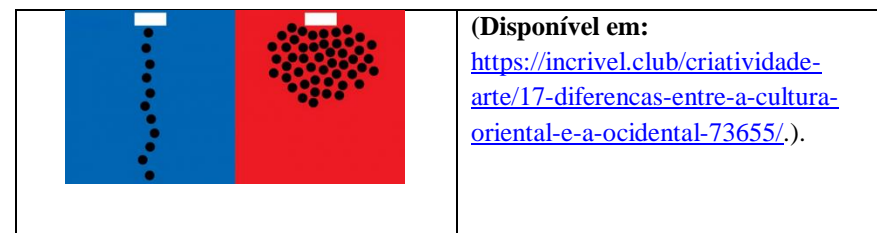
**Hipótese de trabalho:** blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá

**Material de análise:** a) *corpus* 1: 61 comentários *online*; b) *corpus* 2: 29 versões de textos, produzidas por um adolescente surdo; e 3) 24 versões de um capítulo de livro publicado.

### *Corpus 1:*

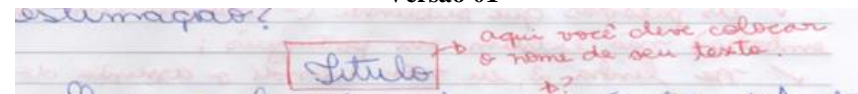
A artista Yan Liu viveu na China até os 14 anos, quando se mudou para a Alemanha. Inspirada nisso e graças a suas observações, ela criou várias obras de arte que poderiam ser ainda mais úteis do que qualquer livro na hora de entender a sociedade atual. Nas obras que você verá a seguir, a parte azul representa o comportamento de

uma pessoa de cultura ocidental, enquanto em vermelho estão representadas as pessoas de cultura oriental, reagindo às mesmas situações. (Azul: Ocidente; Vermelho: Oriente).

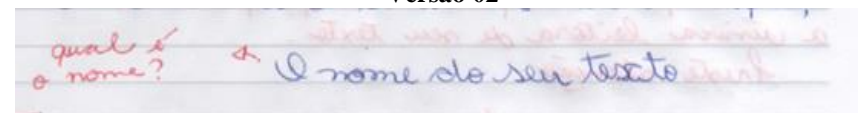


### *Corpus 2:*

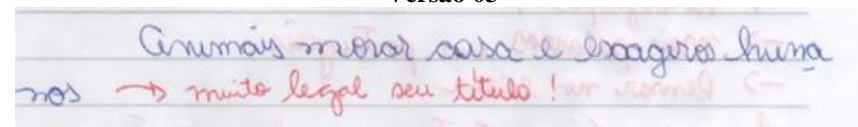
#### Versão 01



#### Versão 02



#### Versão 03





Corpus 3:

Quadro A: Títulos das versões de um capítulo de livro

1	3 a 6	7 a 15	16 e 17	18	19 a 21	22 e 24
Título	Como o “outro” se apresenta na escrita acadêmica e em textos on-line	Restos metonímicos em textos acadêmicos e online	Lições da paráfrase: a escrita on-line e a acadêmica	Lições da paráfrase: a escrita acadêmica e a on-line	Lições da repetição: a paráfrase como ponto de estagnação	Lições da repetição: o texto despeçado

Quadro B: Objetos das versões de um capítulo de livro

1	Refletir “a respeito dos problemas quanto à articulação de textos escritos por alunos do ensino superior”
2	Buscar “aspectos em comum entre a escrita no jornal on-line e em textos produzidos por alunos no final da graduação em Letras”
3 a 5	Mostrar como a escrita “vem sendo construída em dois meios que, aparentemente, não teriam pontos em comum, quais sejam o jornal Folha Online e os textos produzidos por alunos de graduação”.
6 a 10	Em um <i>corpus</i> “cujo laço unificador é o predomínio de paráfrase”, analisar “as modalidades do “outro” feitas pelo enunciador, quais sejam, aquele com quem se fala; aquele de quem se fala e; aquele a partir do qual se fala”.
11 a 15	Entender como a paráfrase “aparece como um recurso em que, na escrita, se opta por reproduzir a palavra do outro”.
16 a 18	Compreender a relação daquele que escreve com a demanda por uma produção escrita.

19 a 20	Entender como o processo de paráfrase vem aparecendo como um recurso de escrita, no qual o escritor opta por reproduzir a palavra do outro de maneira a responder à necessidade de produzir sem se responsabilizar pela produção.
21 a 24	Utilizando a paráfrase como categoria de análise, discutir “a relação do sujeito com o saber na universidade contemporânea”.

Considerações finais:

blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá blá

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston (1938). **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

KOCH, I.G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

RIBEIRO, Mariana Aparecida de Oliveira. **A formação do pesquisador**: do enigma ao sintoma. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TRINDADE, Carla Samile Machado Trucolo. **Escrever sem o apoio da língua oral**: Um estudo sobre textos de surdos. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: 2016.

VAN DIJK, Teun A. **La Noticia como Discurso** – Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.